

Entrevista

Cem anos de Celso Furtado: um centenário de memória, acervo e história

Entrevista com: **Rosa Freire d'Aguiar**

Entrevistadora: **Aline Gama de Almeida**

Entrevista recebida em: 09/04/2020

Entrevista aprovada em: 19/08/2020



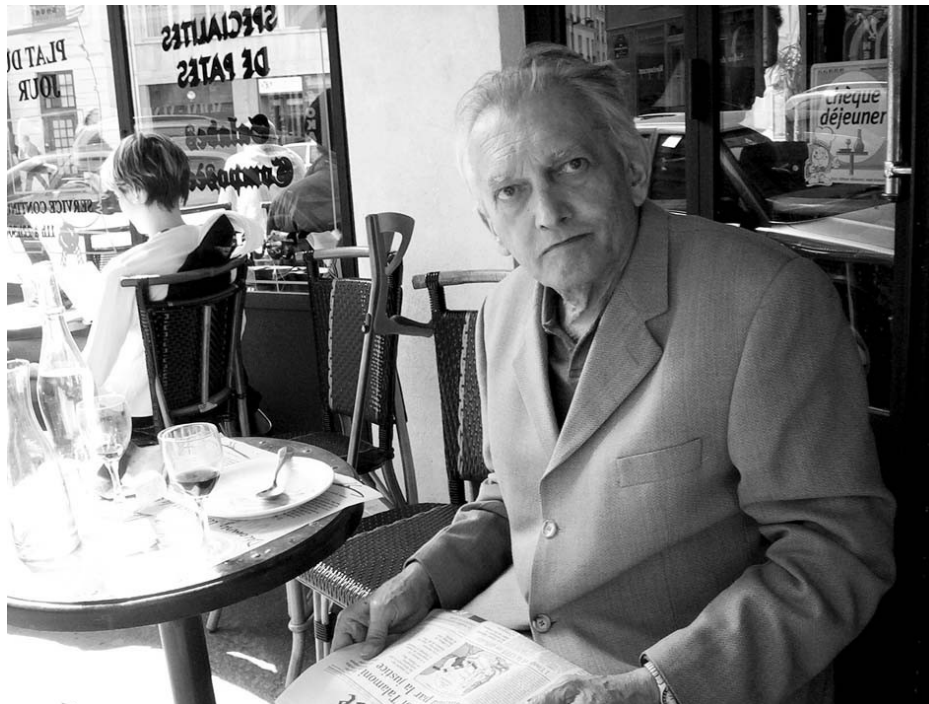
Fonte: Acervo pessoal de Rosa Freire d'Aguiar.

FOTO 1
Rosa Freire d'Aguiar

Rosa Freire d'Aguiar está à frente da organização do acervo do economista Celso Monteiro Furtado desde o seu falecimento em 2004. Celso e Rosa foram casados durante 26 anos. Ele, um dos principais teóricos da economia do desenvolvimento e subdesenvolvimento e ela, jornalista e uma das principais tradutoras da Editora Companhia das Letras, desde 1990.

Nos anos 1970 e 1980, quando conheceu Celso, Rosa atuava como correspondente em Paris para diversas revistas brasileiras, entre elas, Manchete e Isto É. Seu trabalho de tradução para francês, espanhol e italiano compreende mais de cem obras e foi condecorado com os prêmios da União Latina de Tradução Técnica e Científica (2001), o Jabuti de Tradução (2009) e o da Biblioteca Nacional (2019).

A entrevista abaixo foi concedida em meio às homenagens do centenário de nascimento do economista brasileiro que revisitaram as contribuições de Celso Furtado em mais de trinta eventos on-line de que Rosa participou. Na entrevista, Rosa conta como organizou o acervo, protagonizou as negociações com diferentes instituições, reeditou as principais obras e editou coletâneas de textos e documentos de Celso Furtado.



Fonte: Acervo pessoal de Rosa Freire d'Aguiar.

FOTO 2
Celso Furtado

Aline Gama de Almeida: Gostaria de começar sobre essa experiência recente das inúmeras homenagens relacionadas ao centenário do Celso Furtado comemorado no dia 26 de julho de 2020. Não sei se isso aconteceu antes, aos 90 anos, por exemplo. Como está sendo essa vivência que talvez seja um pouco ímpar diante do contexto atual?

Rosa Freire d’Aguiar: Quando Celso fez 80 anos houve algumas celebrações. Uma grande, muito bem feita e organizada, no Recife, em 2000, porque eram os 40 anos da Sudene (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) e os 80 anos de Celso que foi o idealizador e Primeiro Superintendente. A Sudene fez um seminário com professores e economistas famosos e conhecidos. Paul Streeten veio da Inglaterra, veio Deepak Nayyar da Índia e Samir Amin daqui da França, embora ele tivesse o instituto dele no Senegal. Foi um seminário de uns três ou quatro dias. Eu lembro que nós estávamos na Praia de Boa Viagem, saí do hotel de manhã um dia e vi um outdoor imenso escrito Seminário Internacional Celso Furtado... Levei um susto.

Nesses 80 anos, também houve uma exposição na Academia Brasileira de Letras em que eu fui co-curadora, digamos. Ajudei os curadores a montá-la com peças do arquivo dele. Tinha cartas curiosas, como a de Fidel Castro, um material de guerra com coisas que ele trouxe quando voltou da Itália, da Segunda Guerra, desde escudinhos que ele punha na farda até uma carta simpática de um general americano elogiando o trabalho dele na Força Expedicionária Brasileira. E também material da juventude dele no Rio de Janeiro, depois o trabalho na CEPAL, no Ministério da Cultura. Foi uma exposição mais iconográfica, em que se passou um filme que é muito curioso, feito no Nordeste, basicamente em Pernambuco, chamado *The Troubled Land*.¹

Esse filme foi feito, em 1961, pelo canal de televisão americano ABC. Eles foram ao nordeste e filmaram as vilas de camponeses, o Sertão, Celso, os engenhos, como o Engenho da Galiléia. Todo aquele movimento de lutas sociais e das Ligas Camponesas. O filme traz uma linguagem de Guerra Fria, porque tinha acabado de acontecer a Revolução Cubana, em 1959, e eles filmaram em 1961. Então, lá pelas tantas você vê o locutor dizer para a plateia americana de televisão: “Vocês querem que Fidel Castro faça uma nova revolução cubana no nordeste brasileiro? Não deixem isso acontecer.” É uma espécie de um panfleto.

Celso viu esse filme na Casa Branca com John Kennedy, em julho de 1961. Deram uma cópia a ele, que a trouxe para o Brasil. Ainda eram aqueles rolos de filme. Três anos depois, ele vai para o exílio e o filme ficou abandonado. Quando nós voltamos para o Brasil, em 1986/87, ele pegou o filme e viu que estava todo mofado. Ele levou para os técnicos da Embrafilme para ver o que dava para salvar. Teve um corte de 10 minutos. Esse filme nunca passou no Brasil, mas já está na internet. É muito impressionante, é um documentário. Um dos grandes achados dessa exposição da ABL foi esse filme, complementado por uma entrevista longa com Celso comentando. Ele conta com as palavras dele essa história que eu lhe contei.

Houve ainda um seminário na UFRJ. Então, em torno dos 80 anos dele foram muitas comemorações. Agora, em torno do centenário tinha muita coisa programada, só que a epidemia chegou. Havia dois grandes seminários programados. Um era mais ou menos no eixo São Paulo, entre a USP e a Unicamp. Havia no Nordeste um segundo eixo, com instituições da Paraíba e de Pernambuco. Eles iam fazer módulos para viajar por várias capitais do nordeste. Havia também uma terceira iniciativa da UERJ no Rio. Esta acontecerá, em novembro, com historiadores e brasilianistas que conhecem bem a obra de Celso. Será virtual, e não mais presencial.

Não me queixo não. Acho que foi muito bem comemorado. Eu até me assustei e me surpreendi positivamente pela quantidade de artigos que eu continuo a receber. Alguns eu ponho no *Facebook*. Os artigos pegaram um leque amplo ideológico, se se pode falar assim. Houve artigo sobre Celso de Fernando Henrique Cardoso (2020), de João Pedro Stédile (2020), de Cristovam Buarque (2020), de Vladimir Safatle (2020), enfim, gente de todo bordo. De maneira geral, artigos muito simpáticos. Não vou dizer elogiosos, mas reconhecendo as contribuições dele como um homem de pensamento, como um escritor de história econômica, um homem de ação, o ministro que ele foi e a vida acadêmica dele em Paris e em outros países.

Acho que houve uma espécie de um resgate que foi além do que eu esperava. Talvez, até, se tivessem acontecido todos esses seminários não teria tido tantas iniciativas por todo o país e no exterior. Outra coisa fantástica foram as *lives*. É um recurso novo. Para mim, que estou cinco horas à frente, era um pouco cansativo por serem de tarde e aqui de noite, mas eu fiz um esforço: assisti e participei. Outro dia estava vendo que participei de mais de trinta *lives*. Quando você fala para uma

plateia e não vê quem está na primeira fila, quem está te olhando, quem não está, é diferente.

Por outro lado, é sem sombra de dúvida um instrumento democrático. Por exemplo, fiz *lives* que chegaram ao interior não só da Paraíba, mas de Minas e que, provavelmente, atingiram pessoas que jamais estariam no seminário na USP ou na UERJ. Então, todos tiveram a oportunidade de ouvir um pouco sobre Celso. Ainda haverá muitas *lives*. Hoje, recebi convite para falar com estudantes de uma universidade de Zurique. Semana passada houve uma em Paris.

A.G.A.: Isso acaba criando um novo acervo. Um momento de memória em que se revê a contribuição do Celso. Você está armazenando isso? Eu sei que foi uma quantidade enorme...

R.F.A.: Mais ou menos, Aline, porque houve muita *live* que não foi gravada e não tem mais rastro nenhum. Fiz umas muito surpreendentes. Uma, com o governo do Ceará, por exemplo, terminou com o Gilberto Gil dando um depoimento muito bonito. Ele foi ministro da Cultura também, mas eu o conhecia de antes porque meu irmão tocou com ele. Gil tem uma reflexão muito boa sobre o Brasil e sobre a cultura. Alguém me pediu para ver depois e eu demorei para achar os *links*. Então, esses *links* ainda estão funcionando, mas não sei quanto tempo vão durar.²

O virtual é muito complicado. Os artigos que saíram virtualmente, tentei guardar todos. Muita coisa perdi porque não estou acompanhando tudo. Outro dia, recebi mais um que saiu num site chamado A Terra é Redonda³. Saiu um cordel que eu não tinha visto (TELÉFORO, 2020). Então, de vez em quando aparece um...O que sai, estou tentando guardar, talvez mais adiante eu peça alguém para fazer um inventário geral...

A.G.A.: Nesse momento de memória, algumas emoções e sentimentos são mobilizados pelos familiares. Se você se sentir à vontade para falar, gostaria de saber quais são os sentimentos envolvidos.

R.F.A.: Claro, eu falo...Eu lido bem com esses sentimentos. Celso morreu há dezesseis anos. É muito tempo e o luto é um trabalho longo. No início, é muito forte, mas depois parece que vem em ondas. Vejo Celso hoje, em que trabalho com os arquivos dele, com muita admiração. Ano passado, publiquei os diários dele

(D'AGUIAR; FURTADO, 2019). Agora, acabei de organizar e está no prelo um livro com a correspondência mais intelectual, a troca de cartas com amigos e com políticos, intelectuais, professores (D'AGUIAR; FURTADO, 2021). Lido hoje em dia bastante bem com isso.

Tem evidentemente sempre um sentimento de admiração muito grande, inevitável.

Acho que Celso foi uma pessoa ímpar na geração dele por várias razões. Ele soube conjugar esse lado da prática com a reflexão. Tudo o que ele fazia, refletia sobre. Fazia e escrevia sobre. Espanta-me como na época da Sudene, onde ele ficou por seis anos, teve tempo para escrever pelo menos dois livros de teoria. Tudo era aprovado por lei, os planos diretores da Sudene, para começar. Era um exercício de democracia com dois poderes, o legislativo e o executivo. Tudo era mais permanente, mas mais cansativo. Nessa batalha toda, ele ter escrito esses livros, é inacreditável! Ele estava com a cabeça pensando permanentemente. Tinha uma cabeça muito clara e passava um mês, dois meses, três remoendo o que queria dizer. Na hora em que pegava a caneta para começar a preencher um caderno grande, era sem parar, sem parar. A frase saía feita, perfeita. Quando ia passar para a máquina de escrever (e depois para o computador), tinha uma ou outra correção apenas a fazer. Impressiona como os textos de Celso são limpos.

Outro aspecto em que penso que ele foi um pouco “fora da curva”, como se diz hoje em dia, é o de ter sido um economista que pensou muito além da economia. Ele chegou à economia já depois de uma faculdade feita, a de direito. Já tinha mergulhado um pouco na outra paixão dele, que era História. Já tinha imaginado que ia ser romancista, já tinha praticado a crítica de música clássica. Ele chega à economia sabendo exatamente o que quer, mas ao mesmo tempo com uma cabeça muito multidisciplinar.

Ontem, eu recebi um artigo de uma professora do México, a Monika Meirelles, uma brasileira que ensina na economia da UNAM (Universidade Nacional Autónoma do México). Ela pega uma frase de Celso sobre cultura e diz que é impossível (talvez fora lorde Keynes, que inclusive ocupou o cargo que seria o equivalente ao de ministro da Cultura), ter um economista com esse pensamento sobre cultura, sobre um lado mais humanista, vendo a sociedade de um lado das realizações das pessoas.

A fase de trato com essa memória foi muito dura no início, mas isso já passou. No início, não foi fácil. Eu tentava separar o meu marido e a figura que Celso foi. Hoje em dia eu pego, por exemplo, os *cahiers*⁴ ou os diários para fazer um livro como se estivesse pegando de um escritor que admiro muito. De qualquer maneira, não espere de mim objetividade total. Haverá sempre um fator subjetivo quando falo, escrevo ou faço uma *live* sobre Celso. O lado afetivo está sempre presente. Quando vi Gilberto Gil, lembrei de encontros passados, quando ele era secretário de Cultura de Salvador e Celso era ministro. Os encontros e a vida pessoal também estão muito presentes e não podem deixar de estar. É um conjunto, mas acho que me saio bem...

A.G.A.: Até pegando esse tema da vida pessoal, na *live*⁵ passada na França você comentou que ele pensava 24 horas o Brasil. Como era isso? Como era essa convivência com tantas atividades na academia, na política, os projetos, etc.?

R.F.A.: Celso era uma pessoa intelectualmente disciplinada. Por exemplo, ele ficava o dia inteiro trabalhando e quando dava sete horas parava sistematicamente para ler jornal porque na época a gente lia jornal em papel. Lia jornal e aí, oito e meia, nove horas a gente jantava. Depois do jantar, ele ia ler por prazer. Sempre foi um grande leitor. Às vezes, já no final da vida dele eu lhe dizia para substituir as leituras de economia pelo romance que tinha começado na véspera, digamos. Ele falava: “não, não dá, hora de leitura por prazer é depois do jantar. Não é durante o dia. Não vou parar de trabalhar para ler”.

Por sorte dele e minha, eu também era assim. Vim trabalhar no exterior muito cedo em uma redação. Três anos depois fui demitida da Manchete e comecei na Isto é. A redação era a minha casa. Eu jamais admiti confundir “escritório” com “casa”. Deixar uma xícara de café em cima da máquina de escrever nem pensar. Eu me vestia inteira, no inverno punha bota, *manteau*⁶, cachecol... ia comprar os jornais e voltava para trabalhar em uma casa pequena, um *studio* de 30m².

Ainda tenho essa disciplina, que felizmente consegui manter. Com a idade resolvi driblar um pouco a rigidez, lá pelas três ou quatro da tarde saio para um café na rua. Então, a nossa vida era um pouco isso, mas ele tinha também aquela permanência do Brasil no espírito dele, em época em que não tinha jornal pela internet... Era um outro mundo, com muitas conversas com amigos exilados.

Lembro de dois com quem Celso se encontrava toda semana, o historiador Luiz Felipe de Alencastro e o sociólogo Luciano Martins. O Brasil ficou permanentemente no espírito, nos livros e nas reflexões. Nos vinte anos de exílio, Celso escreveu dez livros, dos quais seis ou sete são sobre o Brasil. Você vê que é uma permanência o tema Brasil, e extrapolo um pouco, América Latina, que também está em alguns desses livros. Como *A hegemonia dos EUA e o subdesenvolvimento da América Latina* (FURTADO, 1973). Depois, com o meu trabalho para as revistas brasileiras, eu chegava com revistas, jornal, e ele lia sobre o Brasil de forma permanente quando estava no exterior.

A.G.A.: Nessa mesma live, você falou da construção do acervo dele e mencionou a ocasião de elaboração do acervo em um momento de pintura de apartamento. Queria retomar esse assunto. Como foi essa concepção?

R.F.A.: Já tinham me perguntado uma vez como é que Celso podia ter guardado um acervo desse tamanho, se morou em tantos lugares. Quando nós voltamos para o Brasil, ele tinha morado dois terços da vida no exterior e só um terço no Brasil. Depois, quando voltamos, em meados dos anos 1980, ficamos um pouco meio a meio, mas mais no Brasil que no exterior.

As coisas de Celso de juventude ficaram o tempo todo com os pais dele. Celso foi o primeiro da família a ir para o Rio de Janeiro. Depois foram os pais, os irmãos. Quando Celso vai para guerra em 1944, deixa as coisas dele no apartamento dos pais. Eu também, quando vim (para Europa), deixei um monte de coisas com mamãe. Trinta anos depois, ela me devolveu. São as mães. Os pais de Celso guardaram muitas coisas, foram se mudando, mas nunca mexeram naquele acervo porque, justamente, Celso estava no exterior. Quando o pai morreu, a mãe foi viver com uma irmã de Celso, e lá encontramos muitas coisas dele, quando fomos para o Brasil.

A mãe dele guardou, por exemplo, as cartas que Celso lhe escreveu durante a guerra. Tinha uma caixinha com os cartões postais que ele mandava do exterior, viajando para cá e acolá. Além desses arquivos da juventude, os dos anos de Celso na CEPAL também foram por ele guardados, no Brasil. Os dos anos na Sudene e, depois, no Ministério da Cultura, foram bem arquivados por suas secretárias, e assim chegaram a nós bastante bem arrumados.

Tudo foi sendo guardado. Quando houve o golpe militar de 1964, Celso saiu da Sudene, mas pôde entrar no edifício para pegar seus arquivos pessoais. Na época da CEPAL, como ele era chefe da Divisão de Desenvolvimento, alguém – certamente uma secretária – arrumava muito bem algo da correspondência e dos textos que eles liam.

Os arquivos de Celso são muito grandes. Os documentos mais antigos são dos anos 1930, quando ele ainda não tinha 20 anos. Vão até ele ter 80. São 60 anos de arquivos. Há os brasileiros, os do exterior, há a imensa correspondência. São cerca de 15 a 17 mil cartas. Li todas para fazer o livro que está no prelo. Evidentemente, os documentos dos anos de juventude remetem aos pais dele. Por exemplo, quando Celso foi para guerra. Na época, ele tinha que pagar uma prestação de um empréstimo que tinha feito. Pois bem, o pai ia anotando tudo numa cadernetinha. E a devolveu a Celso anos depois. Ele deve ter olhado, e decidido deixar ali mesmo, na tal mala em que já havia tanta coisa.

A.G.A.: Se conta muitas histórias através desse acervo, né?

R.F.A.: Sim, Celso trazia algumas coisas curiosas dos lugares aonde foi. Por exemplo, trouxe o capacete dele da Itália, que é um desses do Exército americano que a gente cansa de ver em filme, mas trouxe também um capacete nazista. Parece que todos os soldados trouxeram. Uma espécie de troféu de guerra. Na minha casa do Rio, tenho um capacete nazista e não sei o que fazer com ele (risos). Ele trouxe também um bloco de papel do partido fascista italiano.

A.G.A.: Tem essa coisa dos objetos...E a casa que ele nasceu em Pombal que é um marco?

R.F.A.: Celso é do sertão, de Pombal, ele foi garoto ainda para João Pessoa. Sempre foi muito apaixonado por mar. Não necessariamente praia, mas mar. Quando criança ia com a avó e primos e irmãos passar férias em Tambaú. Na época, Tambaú era um lugar em que você passava férias, e não um bairro da cidade. Celso contava que ficava horas ali em Tambaú, vendo o mar. Quando ele foi para Itália, ficou maravilhado, em Capri, com aquela paisagem de mar e montanha. Essa junção era para ele das paisagens mais lindas do mundo: o mar batendo em uma montanha. Nos anos 1960, fizeram no Rio uma incorporação imobiliária na floresta

da Tijuca, na montanha, um condomínio pequeno com vinte apartamentos, no Alto da Boa Vista. Celso se interessou e comprou um apartamento em construção. Na época, a Barra não tinha praticamente nenhum edifício, e lá do Alto via-se longe, o mar, e a montanha em frente. Ele foi para o exílio e o apartamento não estava pronto.

Quando ficou pronto, alguma coisa do acervo dele foi para lá. Sobretudo, os livros de antes de 1964, mas tudo ficou muito maltratado. De vez em quando, a irmã dele ia lá, mas era um lugar um pouco fora de mão, a que só se chegava de carro. Depois, quando passamos a ir para o Brasil com mais frequência, começamos a tratar dos livros e da papelada, mas dava traça... Lá no Alto estava a biblioteca de Celso constituída até 1964. Quando ele vem para França em 1965, constitui outra biblioteca, mais voltada para as atividades acadêmicas, porque morou aqui vinte anos como professor. Essa me coube mudar para o Brasil quando ele morreu. A do Alto, aliás, também. Foram todos os livros para minha casa, onde havia uma terceira parte da biblioteca, formada a partir da nossa volta para o Brasil.

Consegui juntar tudo, mas não foi fácil. A saída daqui de Paris foi complicada. Tive a sorte de ter sido criado, em 2005, o Centro Celso Furtado, ao qual ofereci a biblioteca de Celso. Em 2009 ela foi inaugurada, toda classificada e com acesso público. Primeiro, na sala que o BNDES colocou à disposição do Centro, e depois, no Clube de Engenharia, onde é a sede do Centro. A biblioteca dele está impecável.

A papelada, eu consegui juntar tudo lá em casa, pouco a pouco, levando o que estava no Alto da Boa Vista. Meses antes de Celso morrer, pintamos a casa. Colocamos tudo no centro do apartamento para pintar as paredes e na hora de recomençar a guardar, fui perguntando muita coisa para ele. Celso não costumava datar os textos, o que é uma falha. Então, fui fazendo esse trabalho junto com ele, e conversávamos horas sobre os arquivos. Por isso, eu sou quem mais conhece esses arquivos, com os quais trabalho há dezesseis anos. Agora, tudo isso você vai fazendo sem perceber. De repente, quando abre o olho, tem uma montanha de arquivos em casa, e como a casa é grande, vai tudo ficando... Agora foi tudo na doação que fiz para o IEB da USP, mas ainda tem coisas lá e aqui na França também.

A.G.A.: O Centro Celso Furtado foi criado com ele ainda vivo?

R.F.A: Não, não, Celso morreu em 2004. O Centro é de 2005, de um ano depois. Foi praticamente um ano certo. Ele morreu em novembro de 2004 e o Centro é de novembro de 2005.

A.G.A.: Foi uma iniciativa da família ou do governo?

R.F.A: Essa iniciativa foi o seguinte. Em junho de 2004, Celso ainda vivo, houve uma reunião na UNCTAD (United Nations Conference on Trade and Development ou Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento) em São Paulo. O embaixador Rubens Ricupero era Secretário Geral, veio Kofi Annan, que era Secretário Geral da ONU e Celso devia comparecer, mas estava hospitalizado. Gravou um vídeo e mandou um texto.

Nessa reunião, o presidente Lula disse que queria criar um centro de estudos do desenvolvimento ao qual daria o nome de Celso Furtado. E foi só. Celso mandou uma cartinha ao Lula agradecendo. Celso faleceu em novembro de 2004 e em setembro de 2005 me chamaram para conversar com o economista Nelson Barbosa, do BNDES, que depois foi ministro da Fazenda da Dilma. Ele me disse que a ideia estava indo adiante e que o BNDES iria albergar o Centro. Foi quando me propus a doar a biblioteca de Celso para o Centro, mas eu ainda ia trazer a biblioteca da França para o Rio. Quando acabamos a catalogação e inauguramos a biblioteca em 2009, outras bibliotecárias presentes disseram que a BCF, como biblioteca particular, era uma das melhores, senão a melhor do Rio, em economia.

Celso não era um bibliômano. Ele não tinha a paixão do livro pelo livro, nem especialmente por uma primeira edição. Mas muitos de seus livros se tornaram raridades por causa do próprio tempo. Por exemplo, nos anos 1930 ele comprou as primeiras edições de livros de Keynes (1920, 1924, 1947), que hoje são raridades. Fizemos uma seção na BCF de obras raras que tinha bastante coisa curiosa, que não necessariamente era rara quando Celso comprou, mas no correr dos anos tornou-se obra rara. É uma biblioteca que agora está no IEB da USP, por ora encaixotada.

A.G.A.: Então, tem uma parte no Centro Celso Furtado e tem uma parte na USP?

R.F.A.: Hoje em dia, não. A biblioteca que estava no Centro foi inteira para a USP.

A.G.A.: Certo, e os objetos pessoais? Eu até fiquei curiosa com a mala...

R.F.A.: Doei todos os arquivos de Celso para o IEB. Os arquivos que eles chamam de bibliográficos, que são os livros propriamente, e os arquivos que eles chamam de documentos. Para não dizer que não ficou nada lá em casa, tenho o material com o qual eu estava trabalhando, basicamente, as cartas pessoais e profissionais. Aqui, em Paris, estão as cartas do exílio.

A.G.A.: As fotografias também? Os filmes?

R.F.A.: Fotografias mais ou menos. Eu tenho uma parte comigo no Rio, que são fotos minhas, nossas digamos. Os filmes ainda estão comigo.

A.G.A.: Como foi, se você puder contar, essa divisão? Porque um acervo tem a coisa do afeto, da lembrança e ele tem um filho que é economista. Como foi?

R.F.A.: Os filhos dele moram em Campinas e eu me dou muito bem com eles. O André é economista e o mais velho, o Mario, é físico. Celso os via pouco porque estava cada um em uma cidade. Ambos fizeram teses aqui. Quando fomos morar no Rio, eles moravam em São Paulo. Antes, quando fomos para Brasília, um morava ainda no Rio, o outro em São Paulo. Às vezes, íamos a Campinas e eles vinham todo ano nas férias de julho. Depois vieram os netos. Época de julho, época de férias. Quanto a divisão desses acervos, todos eles ficaram comigo, por testamento.

Evidentemente, os rapazes devem ter muita coisa também. Todas as cartas que encontrei de Celso para eles, da mãe deles para eles e vice-versa, separei e entreguei. Algumas ainda estão comigo pois não tive oportunidade de entregar. Se eles quiserem doar para o IEB, tudo bem, se não, tudo bem igualmente. Achei que não fazia sentido eu doar algo que é deles.

Quem sabe mais adiante algum neto se interesse pelo trabalho que tenho feito. Uma neta fez ciências sociais, ela está querendo ler um pouco de Celso. Dois netos moram fora, mas nunca se sabe. De repente, aparece um bisneto?

A.G.A.: Uma coisa que eu ia perguntar é se já tinha parte digitalizado, mas é muito recente e com muita coisa a ser descoberto, não é? Tem ainda um trabalho enorme...

R.F.A.: Nada digitalizado. Digitalização ainda é uma coisa complicada. Você fala a respeito com um arquivista ou documentalista e eles lhe dizem: “Digitalização é a última coisa que a gente faz”. Não sei se é um problema de geração. Pode ser que a próxima geração de arquivistas e documentalistas tenha outra visão, mas a dos atuais, não me parece muito favorável a digitalizar “em massa” os arquivos.

Pensei muito nisso também quando Celso morreu, conversei com alguns funcionários da Casa de Rui Barbosa, no Rio, para começar a digitalizar, mas novamente me disseram que digitalização é a última coisa. A digitalização tem também o problema dos direitos. Pôr para consulta *on-line* cartas de alguém, só é possível com autorização. É um complicador. Idem com textos originais – no meu caso – de Celso. Eu teria de autorizar. As cartas são algo muito delicado para autorizar acesso público. Elas estão submetidas a direitos patrimoniais e direitos autorais. No caso das do arquivo de Celso, os direitos patrimoniais são meus, mas os direitos autorais são de cada remetente, é claro. Para fazer o livro da Correspondência, eu tive de pedir autorização para cada pessoa. No caso das recebidas por Celso, creio que 90% dos correspondentes já tinham morrido. Então, tem que tentar falar com a família. É demorado.

A.G.A.: Uau!

R.F.A.: Digitalizar, então, demandaria outra autorização, pois a que pedimos foi para a publicação de tal livro por tal editora.

A.G.A.: Tenho uma última pergunta sobre se a manutenção da memória é mais um papel da mulher. Acho que nesse trabalho com as cartas e os familiares, talvez, você possa me falar sobre isso ou se você tem alguma reflexão a esse

respeito. Além disso, você teve alguém para trocar ou foi um processo seu solitário?

R.F.A.: No meu caso, é solitário sim. Não sei se necessariamente tem que ser mulher. Estou pensando... Dos arquivos do físico José Leite Lopes, quem cuida é o Sílvio Leite Lopes, filho dele. Os arquivos do grande pintor abstrato Samson Flexor, que morou anos em Paris, se mudou para São Paulo e tem uma obra muito grande, quem cuida é o filho André Flexor. Talvez você tenha razão em relação a outros arquivos. Os de Antônio Candido, que também estão no IEB, creio que quem se ocupa deles é a neta. Não sei... Talvez porque as mulheres vivam mais que os homens, sobrevivam às mortes dos maridos, do pai... Além disso, se o homem é casado, em geral quem fica com as coisas mais pessoais é a mulher.

O que me parece óbvio é que para transmitir essa memória, essa herança intelectual, primeiro tem de haver uma boa dose de dedicação. Não vou dizer uma dedicação em tempo integral. Eu mesma não parei de trabalhar o tempo todo em que também me dediquei aos arquivos de Celso. Mas é preciso se dedicar muito, e, acima de tudo, gostar desse trabalho. Eu poderia não gostar, dar para outra pessoa fazer e ficar apenas de coordenadora, por exemplo. Mas eu gosto. Celso teve sorte: quem herdou e guardou os arquivos dele fui eu, que gosto de trabalhar com eles. É um trabalho que também exige capacidade para fazer esses arquivos circularem. Pois uma coisa é você ler, gostar, achá-los ótimos. Outra, é conseguir que isso circule. E isso eu também tinha, pois minha ideia de transmitir esses acervos foi altamente possibilitada por eu trabalhar no mercado editorial. Pude, assim, republicar livros dele e publicar muito material inédito: fazer essa herança circular.

Pois o que eu queria era transmitir o que acho fundamental para a geração atual. Não é só a transmissão para um pesquisador que daqui a cinquenta anos vai pegar um texto de Celso e ler sobre a Sudene. Não, meu objetivo era fazer circular agora esses arquivos. Tive a sorte de contar com o apoio do Centro Celso Furtado. Inclusive, apoio financeiro, quando eu resolvi fazer a coletânea chamada “Arquivos Celso Furtado”. Nós fizemos pelo CICEF junto com a editora Contraponto, que é uma editora comercial. O Centro arcou com a metade dos custos. Eu jamais ganhei nada com isso. Meu trabalho é gratuito e benévolo. Consegui fazer seis livros nessa coleção, todos temáticos. Ia fazer o sétimo, com entrevistas e diálogos de Celso, mas mudei o projeto e me concentrei nos dois livros do centenário, os *Diários intermitentes* (D'AGUIAR; FURTADO, 2019) e a *Correspondência intelectual*

(D'AGUIAR; FURTADO, 2021). Esse novo livro, tive de atrasá-lo por causa da pandemia, está programado para sair em março de 2021.

Conseguí de fato transmitir a herança que me coube. Não tudo, evidentemente, porque tem muita coisa que ainda está para ser divulgada. Não acredito que haja muitos originais, o que todo mundo me pergunta. Celso não era muito de ficar escrevendo para deixar na gaveta. Ele preferia fazer circular seu pensamento. Os ensaios que escrevia acabavam em livros.

Reconheço que tive sorte. Lembro de ter visto na Academia Brasileira de Letras, quando morria um intelectual, um escritor ou historiador, as esposas sem saber o que fazer com os arquivos do marido. A ABL recebeu o legado de alguns. Lembro-me da Lêda Boechat Rodrigues, casada com José Honório Rodrigues. Ela fez um trabalho admirável com os arquivos dele, conseguiu publicar bastante coisa na própria ABL.

Vamos ver o que virá pela frente... agora que os arquivos foram doados ao IEB. Eles foram muito receptivos e são muito competentes na guarda de arquivos. Acho que os arquivos do Celso estão bem. Tive a sorte de fazer a transmissão a partir da morte dele, praticamente. Celso morreu há dezesseis anos. Entre os livros dele que reeditei e livros sobre ele, fiz cerca de quinze livros. É muita coisa. É trabalhoso, sem dúvida, mas foi prazeroso.

A.G.A.: É um trabalho que acompanha o seu trabalho de tradutora. Não é distante?

R.F.A.: Não, é um aditivo. É um trabalho que me deu muitas alegrias porque é muito bom quando você acaba. Os primeiros livros que eu fiz para coleção “Arquivos Celso Furtado”, sobretudo os que fugiam um pouco da economia, foram muito gratificantes. Eu fiz um, por exemplo, sobre a cultura, chamado “Ensaios sobre a cultura e o Ministério da Cultura” (D'AGUIAR; FURTADO, 2012). É uma satisfação na hora que eu recebo artigos que falam de Celso, e quando eu vou na bibliografia vejo que as minhas publicações estão lá citadas. É gente que teve acesso aos textos dele a partir das publicações que eu fiz. Isso é gratificante. A transmissão é isso. Claro, que eu poderia fazer muito mais, mas dei acesso a muito pesquisador. Tenho total consciência disso. O que também é muito bom. Tenho uma satisfação intelectual com esse trabalho

NOTAS

1. Link para o filme: https://www.youtube.com/watch?v=jWq4__898mg.
2. Link para o canal do Seminário 100 anos de Celso Furtado: que desenvolvimento queremos para o Brasil?: https://www.youtube.com/channel/UCmr2ucqLYt2GTr71suGzE_Q/videos.
3. O texto de Vladimir Safatle já citado está disponível nos dois sites.
4. Em francês, na tradução livre para português quer dizer caderno.
5. Refiro-me ao evento 1920-2020 *Le centenaire de Celso Furtado*, realizado na *Maison du Brésil*, em Paris, e transmitido *on-line*.
6. Em francês, na tradução livre para português quer dizer casaco.

REFERÊNCIAS

- BUARQUE, Cristovam. Furtado: além do centenário. Legado de Celso Furtado ao pensamento brasileiro. *O Tempo*, 14 ago 2020. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/opiniao/cristovam-buarque/furtado-alem-do-centenario-1.2371876#>.
- CARDOSO, Fernando Henrique. Dois centenários. *El País*, 2 ago 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-08-02/dois-centenarios.html>.
- D'AGUIAR Rosa Freire (org.); FURTADO, Celso. *Correspondência intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. (no prelo).
- D'AGUIAR Rosa Freire (org.); FURTADO, Celso. *Diários intermitentes: 1937-2002*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- D'AGUIAR Rosa Freire (org.); FURTADO, Celso. Arquivos Celso Furtado n° 5: Ensaio sobre cultura e o Ministério da Cultura. Rio de Janeiro: Centro Celso Furtado; Contraponto, 2012.
- FURTADO, Celso. *A hegemonia dos Estados Unidos e o subdesenvolvimento da América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.
- KEYNES, John Maynard. *The general theory of employment, interest and money*. Londres: Macmillan, 1947.
- KEYNES, John Maynard. *Monetary reform*. Nova York: Harcourt; Brace, 1924.
- KEYNES, John Maynard. *The economic consequences of the peace*. London: Macmillan, 1920.
- SAFATLE, Vladimir. Entenda o mito do desenvolvimento econômico na era Lula. *Diálogos do Sul*, 27 jul. 2020. Disponível em: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/economia/65911/vladimir-safatle-entenda-o-mito-do-desenvolvimento-economico-na-era-lula>.
- SAFATLE, Vladimir. O mito do desenvolvimento econômico na era Lula. *A Terra é Redonda*, 26 jul. 2020. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/o-mito-do-desenvolvimento-economico-na-era-lula/>.

STÉDILE, João Pedro. Salve o centenário de Florestan Fernandes e Celso Furtado! *Poder 360*, 16 jul. 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/opiniaio/brasil/salve-o-centenario-de-florestan-fernandes-e-celso-furtado-escreve-joao-pedro-stedile/>.

TELÉSFORO, João Massena. *Os 100 anos do Furtado vamos todos celebrar*. Disponível em: https://issuu.com/informativo4/docs/cordel_100_anos_celso_furtado?.

Como citar:

D'AGUIAR, Rosa Freire. Cem anos de Celso Furtado: um centenário de memória, acervo e história. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 16, n. 2, p. 665-681, jul./dez. 2020. Entrevista concedida a Aline Gama de Almeida. Disponível em: pem.assis.unesp.br.